



## Estruturas antipassivas em Tenetehára

Fábio Bonfim Duarte (UFMG)<sup>1</sup>  
Quesler Fagundes Camargos (UFMG)<sup>2</sup>  
Ricardo Campos Castro (UFMG)<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende descrever e examinar as construções antipassivas na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). Para isso, será mostrado que os verbos transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, passam a apresentar as seguintes propriedades de construções antipassivas: (i) eles passam a ter uma estrutura sintática intransitiva e (ii) o Caso abstrato do argumento interno não é valorado por *v*, mas sim pela posposição *-ehe*. De modo geral, tais configurações se comportam essencialmente como orações intransitivas. Em uma abordagem minimalista, mostraremos que a principal diferença entre uma oração antipassiva e uma transitiva é que, embora o *vP* antipassivo selecione um argumento externo, o seu núcleo não é capaz de valorar o Caso abstrato do argumento interno. Por essa razão, o objeto é dependente da posposição *-ehe* para o Caso oblíquo inerente. Além disso, diferentemente do que ocorre na derivação de construções transitivas, o traço- $\phi$  do *vP* antipassivo é lexicalmente valorado, o que não permite a concordância (sistema nominativo), em termos de traço- $\phi$ , com seu argumento externo. O resultado é que esse argumento externo se move para a posição de Spec do *vP* mais alto na estrutura arbórea, cujo núcleo é instanciado pelo verbo {-*wer*} “querer”, com o qual estabelece uma relação de concordância em termos de traço- $\phi$ , engatilhando o segundo paradigma de concordância (sistema absoluto).

**Palavras-chave:** Tenetehára (Tupí-Guaraní); construção antipassiva; programa minimalista; valoração de traços.

---

<sup>1</sup> Fábio Bonfim Duarte é professor associado II da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras da UFMG e vem atuando como bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – Nível 2. Este estudo é parte de um projeto de pesquisa intitulado *Ergatividade em Línguas Indígenas Brasileiras e suas consequências para a teoria de caso*, o qual integra um projeto maior, apoiado pelo CNPq (Processo 302674/2009-8). E-mail para contato: [fbonfim@terra.com.br](mailto:fbonfim@terra.com.br). Página na internet: [www.lettras.ufmg.br/fbonfim](http://www.lettras.ufmg.br/fbonfim)

<sup>2</sup> Quesler Fagundes Camargos é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail para contato: [queslerc@yahoo.com.br](mailto:queslerc@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Ricardo Campos Castro é aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail para contato: [ricardorrico@uol.com.br](mailto:ricardorrico@uol.com.br).

## Introdução

O presente artigo<sup>4</sup> pretende descrever e examinar as construções antipassivas na língua Tenetehára<sup>5</sup> (família linguística Tupí-Guaraní). Mostraremos que os verbos transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, apresentam propriedades gramaticais que são típicas de construções antipassivas. Tais características figuram em outras línguas que também apresentam este fenômeno, conforme mostram os exemplos<sup>6</sup> abaixo:

- (1) *u-pyhyk kwarer pira a'e*  
3<sub>NOM</sub>-pegar menino peixe ele  
“O menino pegou o peixe”
- (2) *i-puru-pyhyk-wer kwarer pira r-ehe a'e*  
3<sub>ABS</sub>-APASS-pegar-DESID menino peixe C-PSP ele  
“O menino quer pegar o peixe”

Estas construções, apesar de semanticamente selecionarem dois argumentos nucleares, comportam-se, em termos formais, como orações intransitivas, uma vez que (i) os verbos recebem morfologia intransitiva e (ii) o Caso abstrato do argumento interno não é valorado pelo verbo, mais sim pela posposição *-ehe*. Acompanhando desenvolvimentos

<sup>4</sup> Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos a dois pareceristas anônimos da Revista Veredas, cujas críticas contribuíram para o aperfeiçoamento deste artigo. Os erros e as inconsistências que persistem são de  
<sup>5</sup> A língua Tenetehára é falada no nordeste do Brasil por dois povos indígenas: os Tembé e os Guajajára. De acordo com Rodrigues (1985), essa língua pertence ao Ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, do Tronco Tupí.

<sup>6</sup> Abreviaturas utilizadas neste trabalho: *NOM*: sistema nominativo (primeiro paradigma de concordância em Tenetehára); *ABS*: sistema absolutivo (segundo paradigma de concordância em Tenetehára); *ABS*: Caso absolutivo; *ACC*: Caso acusativo; *APASS*: morfema antipassivo; *APPL*: morfema aplicativo; *C*: prefixo que marca a adjacência do complemento; *CAUS*: morfema causativo; *CORR*: prefixo correferencial {*w-* ~ *o-* ~ *u-*}; *DESID*: desiderativo (“querer” e “desejar”); *ERG*: Caso ergativo; *INDIC*: indicativo; *INS*: Caso instrumental; *INTS*: morfema intensificador; *INTRANS*: intransitivo; *NOM*: Caso nominativo; *PERF*: aspecto perfectivo; *PSP*: posposição; *PREP*: preposição; *REFL*: prefixo reflexivo; *SG*: singular; *TRANS*: transitivo.

<sup>7</sup> Em termos descritivos, na língua Tenetehára, os pronomes pessoais (*ihe* “eu”, *zane* “nós<sub>INCLUSIVO</sub>”, *ure* “nós<sub>EXCLUSIVO</sub>”, *ne* “tu”, *pe* “vós”, *a'e* “ele/ela”) podem ser introduzidos no final de cada sentença a fim de retomar o sujeito de verbos inergativos, inacusativos e transitivos das orações principais. Uma hipótese descritiva é assumir que esse pronome final tem a função de enfatizar o sujeito, conforme os exemplos a seguir:

- (i) *a-zàn zàwàruhu ø-wi i-hem mehe ihe*  
1SG<sub>NOM</sub>-correr onça C-de 3<sub>ABS</sub>-chegar quando eu  
“EU, corri da onça<sub>k</sub> quando ela<sub>k</sub> chegou”
- (ii) *u-'ar kwarer he ø-ku'a ø-wi a'e*  
3<sub>NOM</sub>-cair menino minha C-cintura C-de ele  
“ELE<sub>k</sub>, o menino<sub>k</sub> caiu da minha cintura”
- (iii) *u-zukakwarer zapukaz (a'e) wà*  
3<sub>NOM</sub>-matar menino galinha ele PL  
“ELES<sub>k</sub>, os meninos<sub>k</sub> mataram a galinha”

Para mais detalhes, ver Harrison (1986). Trabalhos futuros deverão investigar a natureza sintática desses pronomes pessoais, em posição final, os quais correferenciam o sujeito da oração matriz.

recentes no âmbito da teoria de Caso, o objetivo central deste artigo é buscar uma explicação de como as construções antipassivas são sintaticamente derivadas em Tenetehára. Para tal, argumentamos a favor da hipótese de que, embora o vP antipassivo selecione um argumento externo, o seu núcleo não é capaz de valorar o Caso abstrato de seu argumento interno.

O artigo está organizado em 3 seções, a saber: na seção 1, exibimos, de acordo com a tipologia linguística, as principais características de construções antipassivas nas línguas naturais; na seção 2, mostramos as construções antipassivas em Tenetehára procurando evidenciar que de fato elas podem receber tal classificação; por fim, na seção 3, apresentamos nossa proposta teórica dentro de uma abordagem minimalista.

## 1. Construções antipassivas nas línguas naturais

Acompanhando propostas no âmbito da tipologia linguística, tal como defendido, por exemplo, em Givón (1993), assumiremos doravante que a voz antipassiva é um tipo de construção que é gerada a partir da alteração das funções gramaticais nucleares da oração transitiva básica. Nesta operação, o objeto direto passa a oblíquo, pois vem acompanhado de uma posposição. Já o sujeito pode engatilhar a mesma concordância que objetos e sujeitos intransitivos estabelecem com o verbo. Em tais contextos, é comum que exibam o mesmo Caso desses argumentos. Tal fato explica a razão por que, em uma construção antipassiva, um argumento tal como o paciente, que geralmente é realizado como um objeto direto em uma construção transitiva ativa, pode ser tanto suprimido (deixado implícito) quanto realizado como um complemento oblíquo.

O termo antipassiva foi inicialmente proposto por Silverstein (1976) com a finalidade de indicar que essa construção é a imagem espelhada da voz passiva, da seguinte forma: na voz passiva, o constituinte suprimido ou demovido é o argumento externo, enquanto na voz antipassiva, o participante suprimido ou demovido é o argumento interno, o qual tende a ser o argumento que recebe o papel temático de paciente/afetado. Conforme Givón (1993), as vozes passiva e antipassiva se constituem em dois extremos na pragmática de destransitivização. Assim sendo, o autor postula que a versão antipassiva intransitivizada contrasta com a transitiva, já que permite que o objeto direto da transitiva seja demovido a oblíquo. Ademais, a principal diferença entre antipassiva e passiva é que na passiva, o objeto direto é promovido a sujeito, enquanto na antipassiva, o objeto direto é demovido a oblíquo. Em suma, a diferença básica entre os três tipos de vozes pode ser esquematicamente representada pelo quadro a seguir:

VOZ	GRAU DE TOPICALIDADE	PRAGMATICAMENTE SUPRIMIDO
Ativa	AGENTE > PACIENTE	/
Passiva	PACIENTE >> AGENTE	AGENTE
Antipassiva	AGENTE >> PACIENTE	PACIENTE

FONTE: Givón, 1993, p. 78

**Quadro 1:** Topicalidade relativa do agente e do paciente na voz ativa, passiva e antipassiva

A literatura pertinente elenca uma vasta gama de propriedades gramaticais concernentes à voz antipassiva. Por esta razão, retomamos aqui algumas dessas características no intuito de demonstrar ao leitor que a sintaxe da língua Tenetehára, de fato, exibe tais construções. Começamos então com os dados do Tagalog. Consoante Aldridge (2012), nesta língua, a construção intransitiva tem de engatilhar o morfema intransitivo {-um-}, enquanto a construção transitiva aciona o morfema transitivo {-in-}. Comparem-se os exemplos a seguir:

(3a) B<in>ili                      ng      babae                      ang      isda  
 <TR.PERF>comprar      ERG      mulher                      ABS      peixe  
 “A mulher comprou o peixe” (ALDRIDGE, 2012, p. 1)

(3b) D<um>ating                      ang      babae  
 <INTR.PERF>chegar                      ABS      mulher  
 “A mulher chegou” (ALDRIDGE, 2012, p. 1)

De acordo com a autora, a língua Tagalog exibe um padrão ergativo de Caso de concordância. Note que, em (3a), o verbo transitivo *ili* “comprar” seleciona dois DPs, a saber: o argumento externo *babae* “mulher” e o argumento interno *isda* “peixe”. Já em (3b), o verbo intransitivo *ating* “chegar” seleciona um argumento nuclear, o DP *babae* “mulher”. Repare, adicionalmente, que, ao se compararem as duas orações acima, tanto o objeto da sentença transitiva quanto o sujeito da intransitiva figuram exatamente com o mesmo morfema de Caso absoluto *ang*. Assim, a autora demonstra que de fato a língua Tagalog possui um sistema de alinhamento ergativo-absolutivo. Curiosamente, note que, em (4) abaixo, o argumento externo *babae* “mulher” do mesmo predicado transitivo *ili* “comprar” de (3a), pode ainda exibir marca de Caso absoluto *ang* ao invés da marca de Caso ergativo. Além disso, o argumento interno em (4), diferentemente de (3a), é marcado com Caso oblíquo. Tais alterações na estrutura argumental e no sistema de caso da língua nos leva a concluir que a sentença abaixo corresponde a um caso típico de construção antipassiva. Uma forte evidência a favor desta análise tem a ver com o fato de o verbo transitivo antipassivizado ter de ocorrer com o morfema intransitivo {-um-}, conforme demonstra o dado a seguir:

(4) B<um>ili                      ang      babae                      ng      isda  
 <INTR.PERF>comprar      ABS      mulher                      OBL      peixe  
 “A mulher comprou o peixe” (ALDRIDGE, 2012, p. 1)

Diferentemente da antipassiva acima, há ainda outra que além de indicar a mudança de função gramatical só por meio do sistema de Caso, pode ainda indicar esta alteração por meio do sistema de concordância. Esta é a situação do Groenlandês abaixo:

(5a) *Jaakup*                      *illu*                      *sanavaa*  
*Jaaku-p*                      *illu*                      *sana-pa-a*  
 Jacó-ERG                      casa.ABS                      estar.construindo-TR.INDIC-3SG.ERG/3SG.ABS  
 “Jacó está/estava construindo a casa” (HERSLUND, 1997, p. 4)



Assim como ocorre nas demais línguas da família linguística Tupí-Guaraní, os sintagmas nominais em Tenetehára não recebem desinências de Caso para distinguir os DPs na função sintática de sujeito e de objeto. Estas funções sintáticas são codificadas por meio do primeiro paradigma de concordância (para o sistema nominativo) e por meio do segundo paradigma de concordância (para o sistema absolutivo) no verbo. O primeiro paradigma compreende os prefixos de concordância e os pronomes clíticos, ao passo que o segundo paradigma é composto pelos prefixos relacionais, conforme se vê pelos quadros abaixo.

PESSOAS	PRONOMES INDEPENDENTES	PREFIXOS DE CONCORDÂNCIA	PRONOMES CLÍTICOS
eu	Ihe	a-	he
nós <sub>INCLUSIVO</sub>	zane	xi- ~ za-	zane
nós <sub>EXCLUSIVO</sub>	ure	uru- ~ oro-	ure
tu	ne	re-	ne
vós	pe	pe-	pe
ele	-	u- ~ o- ~ w-	-

FONTE: Duarte, 2007, p. 44

**Quadro 2:** Primeiro paradigma de concordância: pronomes pessoais e prefixos de concordância

PESSOAS GRAMATICAIS	RAIZ INICIADA EM CONSOANTE	RAIZ INICIADA EM VOGAL	TRAÇO DISTINTIVO
1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup>	∅-	r-	[+PESSOA]
3 <sup>a</sup>	i-	h-	[-PESSOA]

FONTE: Camargos, 2010, p. 27

**Quadro 3:** Segundo paradigma de concordância: prefixos relacionais

Com base na tipologia proposta por Dixon (1979, 1994), Duarte (2007) mostra que, na língua Tenetehára, ocorre cisão de Caso condicionada pelos seguintes fatores: (i) pela natureza semântica do verbo; (ii) pela natureza semântica do DP; (iii) e, por fim, pelo estatuto gramatical das orações (se principal ou subordinada). Por limitação de espaço, apresentamos abaixo apenas a cisão condicionada pela natureza semântica do DP<sup>8</sup>.

**A = Sa**<sup>9</sup>

- (7a) *a-exak*                      *zàwàruhu*      *ihe*  
**1SG<sub>NOM</sub>VER**                      onça                      eu  
 “Eu vi a onça”
- (7b) *a-zàn*                              *ka'a*      *∅-pe*                      *ihe*  
**1SG<sub>NOM</sub>CORRER**                      mata      C-para                      eu

<sup>8</sup> De acordo com Duarte (2005, 2007, 2012), a hierarquia de pessoa, acompanhando a intuição de Rodrigues (1990), pode ser explicada da seguinte maneira: a primeira pessoa é mais alta do que a segunda pessoa, a segunda pessoa é mais alta do que a terceira pessoa focal e, por fim, a terceira pessoa focal é mais alta do que a terceira pessoa não focal. Podemos formalizar esta hierarquia da seguinte maneira: 1 > 2 > 3<sub>+FOC</sub> > 3<sub>-FOC</sub>.

<sup>9</sup> Nos termos de Dixon (1979, 1994), os Termos (A), (O), (Sa) e (So) se referem, respectivamente, a sujeito de transitivos, objeto de transitivos, sujeito de inergativos e sujeito de inacusativos.

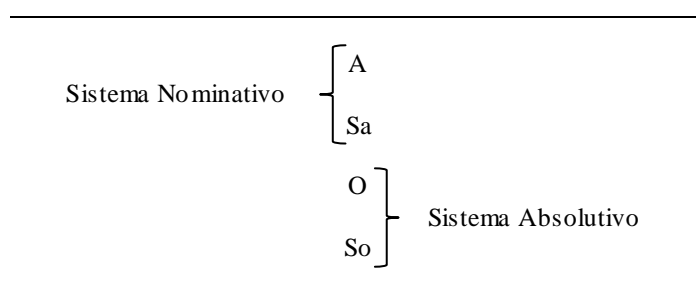
“Eu corri para a mata”

**O = So**

(8a) *he=r-exak*                      *zàwàruhu*      *a'e*  
1SG<sub>ABS</sub>=C-ver                      onça                      ela  
“A onça me viu”

(8b) *he=r-aku*                      *tata*      *r-uwake*      *ihe*  
1SG<sub>ABS</sub>=C-quente                      fogo      C-perto                      eu  
“Eu fiquei quente perto do fogo”

Quando comparamos o sistema de codificação dos argumentos nos predicados transitivos e intransitivos acima, notamos que há um sistema híbrido de codificação dos argumentos. Em suma, o sujeito (A) de transitivos alinha-se com sujeito (Sa) de verbos inergativos, engatilhando no verbo o primeiro paradigma de concordância (sistema nominativo); por sua vez, o objeto (O) de transitivos alinha-se com o sujeito (So) de verbos inacusativos-descritivos, engatilhando no verbo o segundo paradigma de concordância (sistema absoluto). Duarte (2007, p. 53) ilustra este sistema da seguinte forma:



FONTE: Duarte, 2007, p. 53

**Quadro 4:** Sistema híbrido de codificação dos argumentos nucleares em orações independentes

## 2.2. Antipassiva com morfema {*puru-*}

As estruturas antipassivas em Tenetehára, assim como nas demais línguas apontadas na seção anterior, apesar de sintaticamente selecionarem dois argumentos nucleares, comportam-se, em termos formais, como orações intransitivas, uma vez que (i) os verbos antipassivizados recebem morfologia intransitiva e (ii) o Caso abstrato do argumento interno não é valorado pelo verbo, mais sim por uma posposição. De acordo com Castro (2013), geralmente, o processo de antipassivização em Tenetehára desencadeia, descritivamente, as seguintes mudanças:

- (9) (i) o verbo recebe o prefixo de voz antipassiva {*puru-*};  
(ii) o verbo recebe o sufixo desiderativo {-*wer*};  
(iii) o verbo aciona obrigatoriamente o segundo paradigma de prefixos de concordância;  
(iv) o DP objeto passa a receber a posposição *-ehe*, tornando-se, assim, um PP.

Para fins ilustrativos, vejamos os exemplos abaixo que ilustram as características gramaticais arroladas acima:

- (10a) *u-pyhyk*                      *kwarer*                      *pira*                      *a'e*  
           **3<sub>NOM</sub>**-pegar                      menino                      peixe                      ele  
           “O menino pegou o peixe”
- (10b) *i-puru-pyhyk-wer*                      *kwarer*                      *pira*                      *r-ehe*                      *a'e*  
           **3<sub>ABS</sub>**-**APASS**-pegar-**DESID**                      menino                      peixe                      **C-PSP**                      ele  
           “O menino quer pegar o peixe”

Em termos descritivos, note que o exemplo (10b) acima exemplifica bem as características em (9), uma vez que apresenta as seguintes propriedades gramaticais:

- (11) (i) o verbo *pyhyk* “pegar” recebe o morfema antipassivo {*puru-*};  
 (ii) este verbo figura com o morfema sufixal desiderativo {-*wer*};  
 (iii) o verbo concorda com o sujeito *kwarer* “menino” por meio do prefixo {*i-*};  
 (iv) o objeto *pira* “peixe” recebe a posição -*ehe*.

Tendo em conta os dados acima e os dados interlinguísticos apresentados na seção anterior, assumiremos, doravante, que a sentença em (10b) de fato equivale a uma construção antipassiva em Tenetehára. A primeira evidência a favor desta hipótese surge do fato de que, nas construções transitivas ativas, o verbo pode concordar com o seu sujeito ou com o seu objeto, conforme mostram os exemplos abaixo. É importante salientar que a escolha dos morfemas de concordância no verbo dependerá da hierarquia de pessoa, segundo a qual a concordância que figurará no verbo dependerá do argumento que estiver mais alto nessa hierarquia. É, portanto, tal restrição que explica a razão por que o verbo recebe o clítico de primeira pessoa para referir-se ao objeto em (12b) e o prefixo nominativo para codificar o sujeito em (12a). Comparem-se os exemplos a seguir:

- (12a) *a-exak*                      *kwarer*                      *ihe*  
           **1SG<sub>NOM</sub>**-ver                      menino                      eu  
           “Eu vi o menino”
- (12b) *he=r-exak*                      *kwarer*                      *a'e*  
           **1SG<sub>ABS</sub>**-**C**-ver                      menino                      ele  
           “O menino me viu”

Entretanto, outro padrão de concordância emerge nas estruturas antipassivas. Tal sistema fica bem evidente quando comparamos os dados abaixo com os exemplos acima. Sendo assim, observe que, em (13), o verbo só pode concordar com o sujeito, mesmo que o objeto seja mais alto na hierarquia de pessoa, como é a situação em (13b).

- (13a) *he=φ-puru-exak-wer*                      *kwarer*                      *r-ehe*                      *ihe*

**1SG<sub>ABS</sub>=C-APASS-ver-DESID** menino C-PSP eu  
 “Eu quero ver o menino”

(13b) *i-puru-exak-wer* *kwarer* *he=r-ehe* *a’e*  
**3<sub>ABS</sub>-APASS-ver-DESID** menino 1SG=C-PSP ele  
 “O menino quer me ver”

Note que nos exemplos acima apenas os prefixos do sistema absolutivo podem ser acionados, mesmo que a concordância ocorra com o argumento externo, como é a situação de (13a). Se tais estruturas fossem realmente transitivas, os prefixos do sistema nominativo teriam de ocorrer. Contudo, este não é o padrão que se observa, visto que os prefixos nominativos nunca ocorrem quando a construção é antipassiva. Esta restrição explica, portanto, a razão da agramaticalidade das sentenças a seguir:

(14a) \**a-puru-exak-wer* *kwarer* *r-ehe* *ihe*  
**1SG<sub>NOM</sub>-APASS-ver-DESID** menino C-PSP eu  
 “Eu quero ver o menino”

(14b) \**u-puru-exak-wer* *kwarer* *he=r-ehe* *a’e*  
**3<sub>NOM</sub>-APASS-ver-DESID** menino 1SG=C-PSP ele  
 “O menino quer me ver”

Vale observar ainda que os verbos que recebem o morfema antipassivo {*puru-*} acionam a mesma série de prefixos de concordância dos verbos inacusativos, conforme os exemplos abaixo:

(15) *i-àkàzym* *kwarer* *a’e*  
**3<sub>ABS</sub>-desmaiar** menino ele  
 “O menino desmaiou”

(16) *i-kuhem-katu* *kwarer* *a’e*  
**3<sub>ABS</sub>-gemer-INTS** menino ele  
 “O menino gemeu muito”

(17) *i-àrew* *kwarer* *i-apo-haw-ràm* *a’e*  
**3<sub>ABS</sub>-demorar** menino **3<sub>ABS</sub>-fazer-NOML-FUT** ele  
 “O menino demorou em fazer (algo)”

A segunda evidência de que as estruturas com o morfema {*puru-*} são realmente antipassivas advém do fato de que apenas construções transitivas permitem a reflexivização por meio do morfema {*ze-*}. Sendo assim, a expectativa é a de que as construções antipassivas, por serem gramaticalmente intransitivas, terão de apresentar a mesma restrição em relação à possibilidade de ocorrerem ou não com o reflexivo {*ze-*}. Tal previsão é de fato confirmada pela agramaticalidade da sentença em (18b).

- (18a) *u-ze-exak*                      *kuzà*                      *a'e*  
3<sub>NOM</sub>-REFL-ver                      mulher                      ela  
“A mulher se viu”
- (18b') \**i-ze-puru-exak-wer*                      *kuzà*                      *a'e*  
3<sub>ABS</sub>-REFL-APASS-ver-DESID                      mulher                      ela  
“A mulher quer se ver”
- (18b'') \**i-puru-ze-exak-wer*                      *kuzà*                      *a'e*  
3<sub>ABS</sub>-APASS-REFL-ver-DESID                      mulher                      ela  
“A mulher quer se ver”

Entendemos que a agramaticalidade de (18b) decorre de fatores puramente morfossintáticos, uma vez que não há aparentemente restrições semânticas que impediriam a derivação. Os exemplos abaixo confirmam esta assunção, uma vez que as antipassivas apresentam outra estratégia morfossintática para cobrir as construções reflexivas na língua.

- (18c) *i-puru-exak-wer*                      *kuzà*                      *u-ze-ehe*                      *a'e*  
3<sub>ABS</sub>-APASS-ver-DESID                      mulher                      CORR-REFL-PSP                      ela  
“A mulher quer ver a si própria”

A gramaticalidade de (18c) mostra que não são fatores semânticos que impedem sentenças como (18b) de se realizarem, mas sim fatores puramente relacionados à estrutura sintática. Assim sendo, nossa hipótese é a de que este morfema só pode figurar em construções transitivas ativas, nunca em estruturas intransitivas e antipassivas.

Outra evidência a favor de nossa hipótese vem do fato de que, como a antipassivização implica em diminuição de valência, a expectativa é a de que verbos originalmente intransitivos não poderão ser submetidos à antipassivação, como se pode ver a seguir:

- (19a) *u-zahak*                      *kwarer*                      *a'e*  
3<sub>NOM</sub>-banhar                      menino                      ele  
“O menino tomou banho”
- (19b) \**i-puru-zahak-wer*                      *kwarer*                      *a'e*  
3<sub>ABS</sub>-APASS-banhar-DESID                      menino                      ele  
“O menino quer tomar banho”

Para que verbos intransitivos sejam antipassivizados é necessário que sejam antes submetidos a algum processo de aumento de valência. Assim sendo, somente após se tornarem transitivos, é que podem ser antipassivizados. Note que, em (20a), o verbo *zahak* “banhar” é transitivizado por meio do morfema causativo {*mu-*} e, em (21a), é transitivizado por meio do morfema aplicativo comitativo {*eru-*}.

- (20a) *u-mu-zahak*                      *kuzà*                      *kwarer*                      *a'e*



Por fim, relações aspectuais tais como telicidade também estão envolvidas na alternância transitiva e antipassiva. De acordo com Spreng (2001), os eventos em construções antipassivas podem ter uma leitura imperfectiva. Curiosamente, note que a leitura imperfectiva também é obtida nas construções antipassivas do Tenetehára, como em (25b), uma vez que a morfologia desiderativa {-*wer*} precisa sempre estar presente em tais estruturas.

(25a)	<i>u-mimoz</i> 3 <sub>NOM</sub> -cozinhar “A mulher cozinhou a batata”	<i>kuzà</i> mulher	<i>zytyk</i> batata	<i>a’e</i> ela	
(25b)	<i>i-puru-mimoz-wer</i> 3 <sub>ABS</sub> -APASS-cozinhar-DESID “A mulher quer cozinhar a batata”	<i>kuzà</i> mulher	<i>zytyk</i> batata	<i>r-ehe</i> C-PSP	<i>a’e</i> ela

Além do mais, as construções transitivas, conforme o exemplo (25a), têm a propriedade de [+télico], uma vez que possuem uma ação ou uma atividade que termina com uma realização clara (cf. NOLASKO, 2009). Mais precisamente, a construção em (25a) envolve um *accomplishment* que se caracteriza por ser, a um só tempo, durativo e télico. Assim, exige, para realizar-se, mais do que um átomo de tempo. Em suma, a construção ativa visa a um fim a ser atingido. Todavia, no exemplo (25b), o evento “querer cozinhar” não implica necessariamente que o evento chegou a um ponto culminante. Logo, possui a propriedade [-télico] quando comparada com a construção transitiva em (25a).

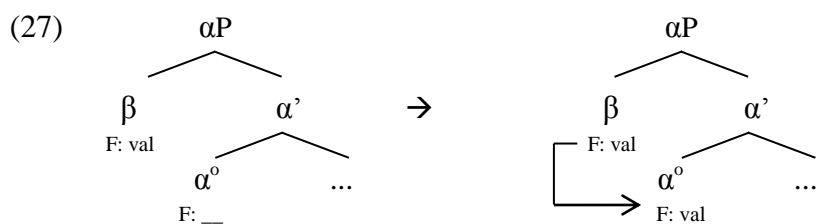
### 3. Proposta teórica

Mostramos na seção anterior que as construções com o morfema {*puru-*} em Tenetehára apresentam exatamente as mesmas características das construções antipassivas das línguas analisadas na seção 1. Ademais, por constituírem um subtipo de estrutura intransitiva, o objetivo desta seção é apresentar uma proposta teórica a fim de captar o mecanismo que permite a valoração dos traços- $\phi$  do núcleo de  $\nu$ P antipassivo e dos traços de Caso de seu sujeito. Para desenvolver a análise teórica, assumiremos aqui o essencial da proposta de Wurmbbrand (2011, 2012, 2013), segundo a qual o  $\nu$ P possui um sistema de valoração de traços que podem ser inseridos da seguinte forma: valorados (F: *val*) ou não valorados (F:  $\_$ ). Quando um desses traços é introduzido não valorado, a valoração é determinada contextualmente, permitindo, assim, diferentes tipos de estruturas. Além do mais, essa abordagem proporciona um sistema unificado para os diversos padrões de construções. Essa valoração é definida em (26) e está implementada de forma ilustrativa em (27).

#### Concordância Reversa

- (26) Um traço F:  $\_$  em  $\alpha$  é valorado pelo traço F: *val* em  $\beta$ , se e somente se
- (i)  $\beta$  assimetricamente c-comanda  $\alpha$ ;

(ii) não há nenhum  $\gamma$ ,  $\gamma$  diferente de  $\beta$ , com um traço interpretável e valorado de tal forma que  $\gamma$  comanda  $\alpha$  e é c-comandado por  $\beta$ .



### 3.1. Valoração de traços- $\phi$ e de traços de Caso em estruturas intransitivas e transitivas

Antes de analisarmos as estruturas antipassivas em Tenetehára, apresentamos primeiro as derivações das predicções transitivas e intransitivas. Os traços envolvidos nesta análise estão resumidos em (28). Assumamos que o núcleo de TP valora o traço de Caso nominativo do DP argumento externo em construções transitivas, ao passo que o núcleo de  $\nu$ P transitivo valora o traço de Caso acusativo do argumento interno. A projeção de  $\nu$ P intransitivo e antipassivo, por sua vez, possui um núcleo que, por não conter um traço de Caso, é incapaz de valorar um DP que eventualmente c-comande. Esta é a razão pela qual o núcleo de TP será o responsável em valorar o traço de Caso dos argumentos de predicções intransitivas (tanto em construções inergativas, quanto em estruturas inacusativas-descritivas).

(28) Traços dos núcleos de TP e  $\nu$ P em Tenetehára:

$T^o$ : [C: NOM]

$\nu^o_{\text{Tran}}$ : [C: ACC]  
 [ $\phi$ : \_\_\_ ]

$\nu^o_{\text{Intr}}$ : [C: sem caso]  
 [ $\phi$ : val / \_\_\_ ]

$\nu^o_{\text{Apass}}$ : [C: sem caso]  
 [ $\phi$ : val]

Por esta razão, assumiremos doravante que os prefixos de concordância nesta língua não estão associados necessariamente à valoração de Caso, mas sim às relações de valoração dos traços- $\phi$ . Propomos que essa valoração pode ser realizada de duas maneiras, a saber: (i) por meio de movimento do argumento interno para o núcleo de  $\nu$ P ou (ii) por meio de concordância entre o núcleo de  $\nu$ P e o argumento interno. Para a primeira situação, o argumento interno pronominal se move para o núcleo de  $\nu$ P, cliticizando-se ao verbo. O *spell-out* dessa derivação fará, portanto, que os pronomes pessoais clíticos movam-se em adjunção ao núcleo de  $\nu^o$ , como pode ser visto a seguir:

(29) *he*= $\phi$ -*katu-ahy*  
**1SG<sub>ABS</sub>**=C-bom-INTS  
 “Eu estou muito bem”

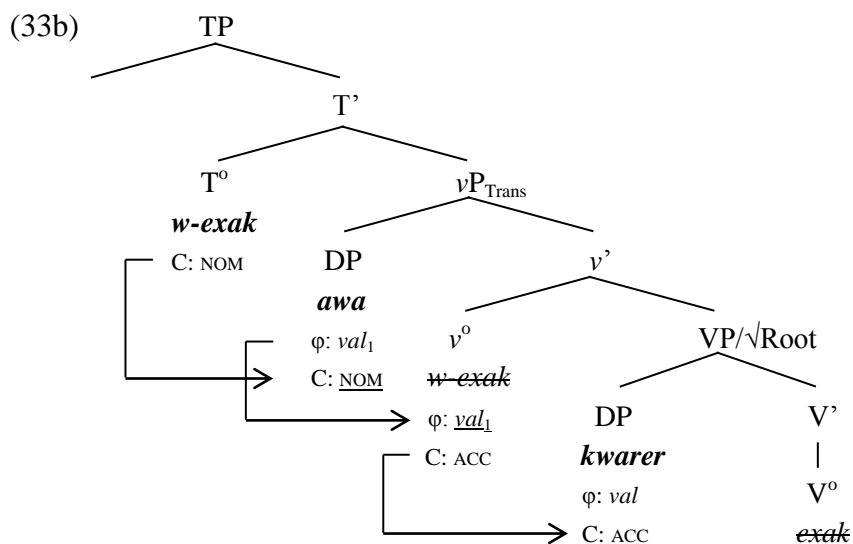
- (30) *he=r-exak*                      *kwarer*  
 1SG<sub>ABS</sub>=C-ver                      menino  
 “O menino me viu”

Para a segunda situação, há uma relação de concordância entre o núcleo de *vP* e o elemento nominal (DP) que imediatamente o *c*-comanda. Nossa hipótese é a de que as regras em (31) e (32) determinarão o paradigma de concordância em Tenetehára.

- (31) O verbo aciona o primeiro paradigma de concordância (sistema nominativo), se  
 (i) o traço  $\varphi$ : *val* do DP que *c*-comanda  $v^0$  valorar o traço  $\varphi$ : \_\_\_ de  $v^0$ ;  
 (ii) o DP que carrega o traço  $\varphi$ : *val* for resultado de *merge* externo.
- (32) O verbo aciona o segundo paradigma de concordância (sistema absolutivo), se  
 (i) o traço  $\varphi$ : *val* do DP que *c*-comanda  $v^0$  valorar o traço  $\varphi$ : \_\_\_ de  $v^0$ ;  
 (ii) o DP que carrega o traço  $\varphi$ : *val* for resultado de *merge* interno (movimento).

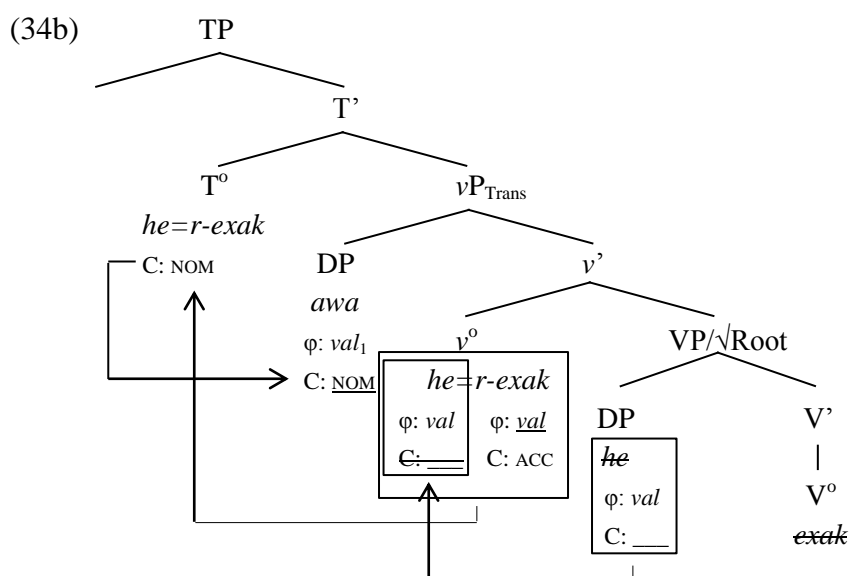
A fim de ilustrar as derivações relevantes para nossa discussão, veja a oração transitiva abaixo, em que o verbo aciona o primeiro paradigma de concordância. Note que o verbo engatilha esses prefixos porque há uma relação de concordância, em termos de traço- $\varphi$ , entre o núcleo  $v^0$  e o DP argumento externo, o qual entra na derivação por meio de *merge* externo. Além do mais, o Caso abstrato deste DP argumento externo é valorado pelo núcleo de TP, o qual carrega o traço C: NOM.

- (33a) *w-exak*                      *awa*                      *kwarer*  
 3<sub>NOM</sub>-ver                      homem                      menino  
 “O homem viu o menino”



Veja que o DP argumento externo e o DP argumento interno têm seus traços de Caso valorados, respectivamente, por  $T^0$  e  $v^0$ . Além disso, o traço- $\phi$  de  $v^0$  é valorado pelo DP argumento externo, o qual engatilha no verbo o primeiro paradigma de concordância. Enquanto o primeiro paradigma é o resultado de uma relação de concordância entre o DP argumento externo e o núcleo de  $vP$ , propomos que o segundo paradigma é, na verdade, o resultado do movimento do argumento interno, quando este vem realizado pelos clíticos pronominais, para o núcleo de  $vP$ . Por esta razão, o *spell-out* desta derivação é um verbo transitivo com seu objeto pronominal cliticizado. Veja que, após o movimento do objeto, o traço- $\phi$  do núcleo de  $vP$  é valorado, ao passo que o traço de Caso do objeto é apagado.

(34a) *he=r-exak*      *awa*  
 1SG<sub>ABS</sub>=C-ver    homem  
 “O homem me viu”



Note que a análise acima busca motivar a hipótese de que Caso e concordância estejam dissociados. Nas construções intransitivas, por exemplo, há apenas uma fonte de valoração de Caso, a saber: o núcleo de TP, o qual valora o Caso nominativo, embora se verifiquem dois padrões de concordância, os quais são determinados pela natureza semântica do verbo. Os verbos inergativos acionam os prefixos do primeiro paradigma, conforme formulação em (31), e os verbos inacusativos-descritivos podem ou desencadear o movimento do argumento pronominal para  $v^0$  ou engatilhar no verbo os prefixos absolutivos do segundo paradigma, como proposto pela correlação em (32).

Em uma abordagem que adote a proposta de relação biunívoca entre Caso e concordância, se considerarmos que o primeiro paradigma é o resultado da valoração do Caso nominativo por meio do núcleo  $T^0$ , somos levados a estipular que o núcleo  $v^0$ , o qual valora o Caso acusativo em sentenças transitivas, é o responsável pelo acionamento do segundo paradigma de concordância. No entanto, assumiremos, doravante, que os verbos inacusativos-descritivos, apesar de poderem acionar os prefixos do segundo paradigma,

quando o sujeito é de terceira pessoa, não projetam um  $vP$  capaz de valorar o Caso acusativo.

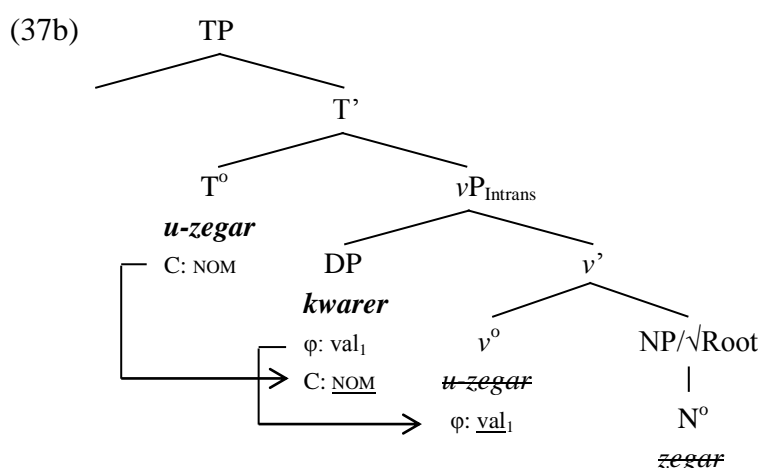
Por este motivo, adotaremos a hipótese de que a ocorrência dos prefixos nominativos é apenas o reflexo gramatical da operação de concordância, em termos de traço- $\phi$ , que se dá entre o núcleo de  $vP$  e o DP argumento externo. Por sua vez, a ocorrência dos prefixos absolutivos do segundo paradigma pode ser interpretado apenas como sendo o *spell-out* da concordância, em termos de traço- $\phi$ , entre o núcleo de  $vP$  e o DP argumento interno, quando este sofre movimento para uma posição em adjunção ao verbo que o c-comanda. Note que o cerne desta proposta é que concordância não é necessariamente associada à valoração de Caso abstrato. Para tal, comparem-se os exemplos abaixo:

(35) *u-zàn*            *kwarer*  
 3-correr menino  
 “O menino correu”

(36) *i-kàn*            *kwarer*  
 3-forte            menino  
 “O menino é forte”

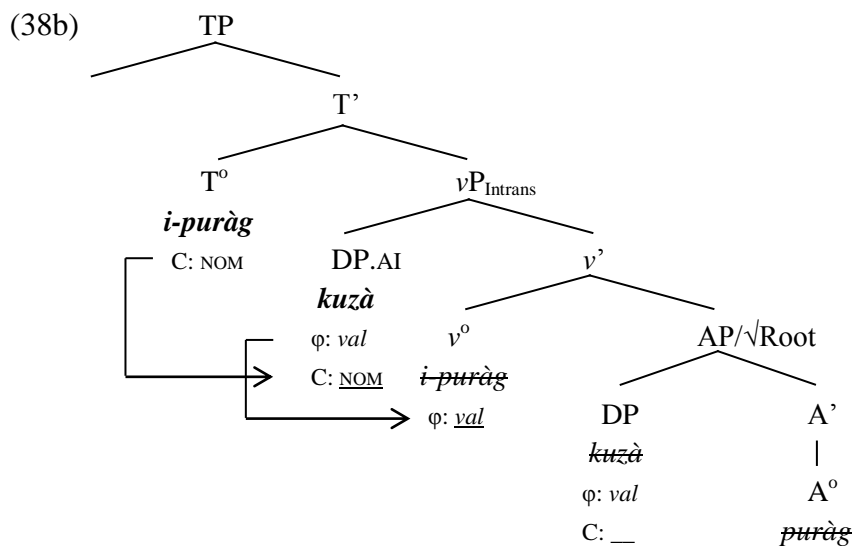
A fim de capturar a dissociação entre concordância e Caso, proporemos que as sentenças intransitivas acima possuem, ao final de contas, as mesmas derivações sintáticas. Seguindo esta linha de raciocínio, proporemos que, na sentença abaixo, o prefixo nominativo {*u-*}, pertencente ao paradigma da primeira série de concordância, emerge no verbo como o resultado da valoração do traço  $\phi$ : \_\_ de  $v^0$  pelo traço  $\phi$ : *val* do DP que ocupa a posição de argumento externo, o qual é resultado de *merge* externo, conforme a formulação em (31). O núcleo  $T^0$ , por sua vez, valora o Caso nominativo do DP sujeito.

(37a) *u-zegar* *kwarer*  
 3-cantar menino  
 “O menino cantou”



Diferentemente dos verbos inergativos que engatilham o primeiro paradigma de concordância, como em (37), proporemos que os verbos inacusativos, conforme demonstra o exemplo abaixo, engatilham o segundo paradigma de prefixos de concordância. No exemplo abaixo, ocorre o prefixo {*i-*}, cuja ocorrência pode ser interpretada como sendo o resultado da valoração do traço  $\varphi$ : \_\_\_ de  $v^0$  pelo traço  $\varphi$ :  $val_1$  do DP *kuzà*, que é gerado em Spec-AP. Assim sendo, esta concordância deve ser interpretada como sendo o resultado do *merge* interno (movimento) deste DP em Spec- $vP$ . Numa etapa posterior da derivação sintática, este DP recebe Caso nominativo quando o núcleo  $T^0$  é juntado a  $vP_{intrans}$ . A derivação completa da sentença (38a) é mostrada a seguir:

(38a) *i-puràg kuzà*  
 3-bonito mulher  
 “A mulher é bonita”



Uma evidência adicional a favor de que os sujeitos de verbos inacusativos-descritivos realmente são gerados na posição de argumento interno e movidos para Spec- $vP$  surge de eles poderem se incorporar ao verbo, conforme podemos notar no exemplo a seguir:

(39a) *he=∅-kuhem-katu pyhaw*  
 1SG<sub>ABS</sub>=C-gemer-INTS noite  
 “Eu gemi à noite”

Já em relação aos sujeitos dos verbos inergativos, nossa proposta é a de que estes são gerados diretamente na posição de argumento externo de  $vP$ , posição a partir da qual valoram os traços de concordância de  $v^0$ . Por este motivo, são incapazes de se cliticizarem ao verbo inergativo, conforme mostra o exemplo a seguir:

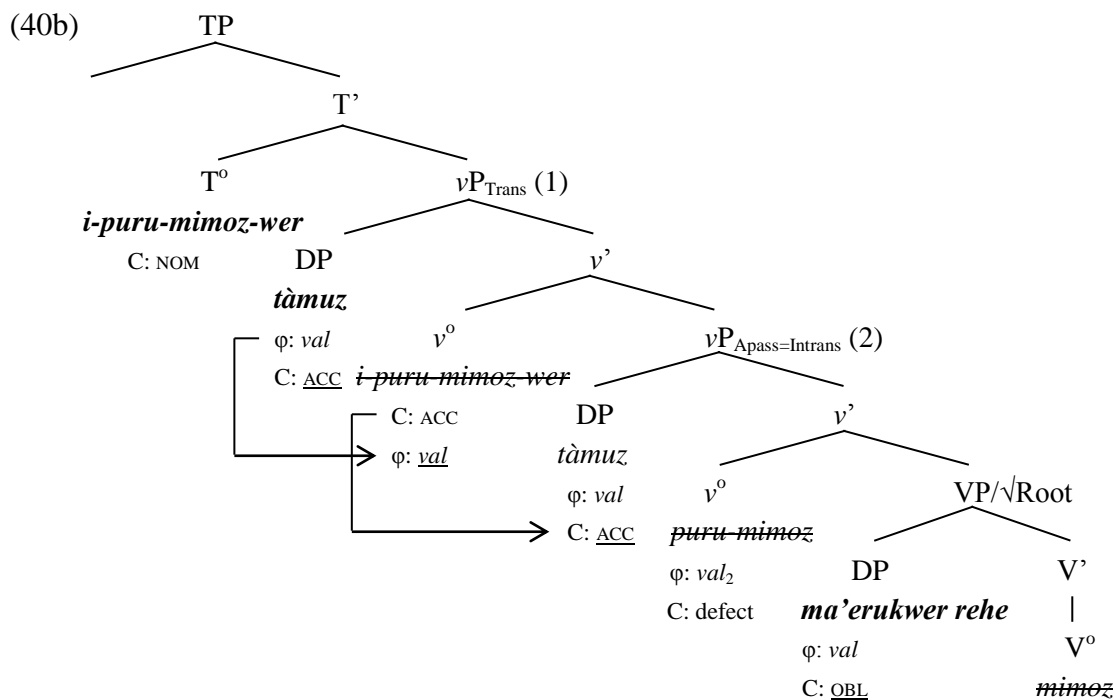
(39b) *a-zàn ihe*

1SG<sub>NOM</sub>-correr            eu  
“Eu corri”

### 3.2. Valoração de traços- $\phi$ e de traços de Caso em antipassivas

Nesta subseção, o objetivo é propor uma derivação para as construções antipassivas em Tenetehára. Dentro do modelo da gramática relacional e tipológica, por exemplo, a estrutura antipassiva é vista como uma construção derivada em que o objeto é, de alguma maneira, “demoído” (BAKER, 1988; COOREMAN, 1994; DIXON, 1979, 1994; ENGLAND, 1988; PALMER, 1994; entre outros). No entanto, esta análise é difícil de ser acomodada em uma análise sintática gerativa, uma vez que “demoção” envolve um movimento transformacional para baixo. Na perspectiva de Chomsky (1995), cada operação *merge* deve estender a derivação, evitando assim o movimento para baixo. Mais recentemente, de acordo com a Condição da não Adulteração (*No-Tampering Conditon*), como propõe Chomsky (2005), o movimento deixa inalterados os objetos a que se aplica, formando um objeto estendido. Além do mais, é ainda difícil localizar o lugar para onde o objeto da antipassiva desce, uma vez que o objeto demoído é tipicamente um argumento interno com os papéis temáticos de tema e afetado. Logo, não é possível que haja uma posição c-comandada pelo objeto para a qual ele se mova, de modo que a operação de demoção seja aplicada. Por esta razão, adotaremos uma abordagem contrária à demoção de objeto. Mais precisamente, assumiremos que todas as características das antipassivas em Tenetehára podem ser explicadas por meio da análise proposta na subseção anterior. De modo geral, ao invés de “demoção”, a estrutura antipassiva corresponde, na verdade, a uma configuração sintática em que o objeto não passa por uma derivação sintática que geralmente ocorre em construções transitivas. Nesta linha de raciocínio, nossa proposta é que o núcleo do  $vP$  antipassivo não tem traço de Caso a valorar, ou seja, é defectivo nesse quesito. Por conseguinte, este núcleo é incapaz de valorar o Caso abstrato do argumento interno. Por este motivo, o argumento interno não pode ter o seu traço de Caso valorado pelo núcleo de  $vP$ . Uma maneira então de salvar a estrutura é fazer com que o objeto receba Caso oblíquo inerente da posição *-ehe*, conforme mostramos a seguir:

(40a) *i-puru-mimoz-wer*            *t-àmuz*            *ma'erukwer*    *r-ehe*  
3<sub>ABS</sub>-APASS-cozinhar-DESID    3-avô            carne            C-PSP  
“O avô quer cozinhar a carne”



Observe que estamos assumindo, neste ponto da análise, que o desiderativo {-*wer*} é a instanciação de um verbo de reestruturação, cuja semântica é a de volição e de desejo. Assim, este sufixo realiza morfologicamente o núcleo de um vP, o qual contém os seguintes traços: (i) o traço de Caso acusativo (=C: ACC) o qual valoriza o argumento externo da estrutura encaixada e (ii) os traços-φ: \_\_\_ a serem valorados por um DP que o c-comande. Será, portanto, o núcleo v°, morfologicamente realizado pelo morfema {-*wer*}, que valoriza o Caso do DP argumento externo da predicação encaixada, o qual se move da posição de Spec-vP<sub>Intrans</sub> para a posição de Spec-vP<sub>Trans</sub> da predicação principal. Nesta posição, o argumento externo valoriza o traço φ: \_\_\_ de v°<sub>Trans</sub>. Visto que a concordância, em termos de traço-φ, se estabelece entre o núcleo v°<sub>Trans</sub> e um DP introduzido por meio de *merge* interno (movimento), o verbo só poderá figurar com os prefixos absolutivos elencados no quadro do segundo paradigma de concordância, conforme foi proposto em (32).

## Considerações Finais

Neste artigo, nosso objetivo foi descrever e examinar as construções antipassivas na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). Mostramos que os verbos transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, passam a apresentar interlinguisticamente propriedades típicas de construções antipassivas. Demonstramos que estas construções antipassivas, apesar de sintaticamente selecionarem dois argumentos nucleares, comportam-se, em termos formais, como orações intransitivas, uma vez que, de modo geral, recebem morfologias intransitivas e o Caso abstrato do argumento interno não é valorado pelo verbo, mas pela posposição *ehe*.

Dentro de uma abordagem sintática estritamente minimalista, propomos o modo como as construções antipassivas são derivadas em Tenetehára. Para isso, argumentamos que a principal diferença entre uma oração antipassiva e uma oração transitiva é que, embora o  $\nu$ P antipassivo selecione um argumento externo, o seu núcleo não é capaz de valorar o Caso abstrato do argumento interno. Por essa razão, o objeto é então dependente da posposição *-ehe* para o Caso oblíquo inerente.

Além disso, diferentemente do que ocorre na derivação de construções transitivas, o traço- $\phi$  do  $\nu$ P antipassivo já é valorado, o que não permite a concordância, em termos de traço- $\phi$ , com seu argumento externo. O resultado é que esse argumento externo se move para a posição de Spec do  $\nu$ P mais alto na estrutura arbórea, cujo núcleo é instanciado pelo morfema desiderativo *{-wer}*, com o qual estabelece uma relação de concordância em termos de traço- $\phi$ . Enquanto que a concordância do núcleo de  $\nu$ P transitivo com seu argumento externo (*merge* externo) engatilha no verbo o primeiro paradigma de concordância (sistema nominativo), a concordância do núcleo de  $\nu$ P, cujo núcleo é ocupado pelo morfema *{-wer}*, com seu argumento externo (*merge* interno) aciona o segundo paradigma de concordância (sistema absolutivo).

### Antipassive in Tenetehára (Tupí-Guaraní)

ABSTRACT: This paper aims at examining the antipassive constructions in the Tenetehara language (Tupí-Guaraní). Transitive verbs which receive the morpheme *{puru-}* exhibit the following grammatical properties: (i) they appear in an intransitive structure and (ii) the abstract Case of the internal argument is not valued by little *v*, but by means of the functional posposition *-ehe*. Assuming a minimalist approach, we will posit that, even though the  $\nu$ P of the antipassive construction selects an external argument, its head is not able to value accusative Case to the internal argument, which is thus dependent on the posposition *-ehe* to receive an inherent oblique Case. Furthermore, it is assumed that the external argument has to move to a specifier of a higher  $\nu$ P in the tree, whose head is morphologically realized by the verb *{-wer}* “want”. Thus the external argument triggers an AGREE operation with the  $\phi$ -features of this head, a situation that explains the emergence of the absolutive agreement pattern in the antipassive constructions.

Keywords: Tenetehára (Tupí-Guaraní), antipassive construction; minimalist program; feature evaluation.

### REFERÊNCIAS

ALDRIDGE, Edith. Antipassive and ergativity in Tagalog. *Lingua*, v. 122, n. 3, p. 192-203, fev. 2012.

BAKER, Mark C. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BLIGHT, Ralph Charles. *Head Movement, Passive and Antipassive in English*. 2004. 256f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculty of the Graduate School, University of Texas at Austin. Austin, 2004.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Para onde foram os adjetivos em Tenetehára?* 2010. 60f. Monografia (Bacharel em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

CASTRO, Ricardo Campos. O epifenômeno da alternância de valência na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 34, p. 347-391, jan./jun. 2013.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. (Orgs). *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Braisdell, 1970.

COOREMAN, Ann. A functional typology of antipassive. In: FOX, B.; HOPPER, P. (Orgs.). *Voice: form and function*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994. p. 49-86.

DIXON, Robert M. W. Ergativity. *Language*, v. 55, p. 59-138, 1979.

DIXON, Robert M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DUARTE, Fábio Bonfim. Propriedades denotacionais dos prefixos {i-} e {h-} em Tenetehára. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 34, p. 1194-1199, 2005a.

DUARTE, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. *Revista LIAMES*, Campinas, n. 5, p. 111-142, 2005b.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

DUARTE, Fábio Bonfim. Tenetehára: a predicate fronting Language. *The Canadian Journal of Linguistics*, v. 57, n. 3, p. 359-386, nov. 2012.

ENGLAND, Nora C. Mam Voice. In: SHIBATANI, Masayoshi (Org.). *Passive and Voice*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988. p. 525-545.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1993.

HARRISON, Carl. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (Orgs.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 407-439.

HERSLUND, Michael. Passive and Antipassive in a Functional Description of French Reflexive Verbs. *Hermes, Journal of Linguistics*, n. 19, 1997.

NOLASCO, R. *What Philippine ergativity really means*. Baguio: University of the Philippines, 2009.

PALMER, Frank Robert. *Grammatical Roles and Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

POLINSKY, Maria. Antipassive constructions. In: HASPELMATH, M.; DRYER, M. S.; GIL, D.; COMRIE, B. *The World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. You and I=neither you nor I: the personal system of Tupinambá. In: PAYNE, Doris L. (Org.). *Amazonian linguistics: Studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 393-405.

SPRENG, Bettina. Little *v* in inuktitut: antipassive revisited. *Linguistica atlantica*, v. 23, p. 155-190, 2001.

SILVERSTEIN, Michael. Hierarchy of features and ergativity. In: DIXON, Robert M. W. (Org.). *Grammatical categories in Australian languages*. New Jersey: Humanities Press, 1976. p. 112-171.

WURMBRAND, Susanne. *On Agree and Merge*. Storrs: University of Connecticut, 2011.

WURMBRAND, Susanne. Parasitic participles: evidence for the theory of verb clusters. *Taal en Tongval*, v. 64, p. 129-156, 2012.

WURMBRAND, Susanne. The features of voice. In: *Little v wokshop*, 2013, Leiden. Leiden University, 2013.

Data de envio: 15/10/2013

Data de aceite: 03/02/2014

Data de publicação: xx/07/2014